

Mário Lima Jr.
“Ei-lo, Hero”

Mário Lima Jr.
“*Ei-lo, Hero*”

Apresento-lhe minha obra, terno escravo e governante justo; voraz ditador de minhas vontades, liberte-me da plena consciência e insulte meu passado, minha ancestralidade - e o quê eu era.

- Não consegue suportar mais um poema escrito somente há dois dias atrás?
 - Chego a crer que seja impossível que tamanha tolice tenha saído da minha cabeça.
 - Confesso que quando o li pela primeira vez, me pareceu um pouco fraco em conteúdo, substância, mas analisando bem a sua estrutura e sinceridade, posso lhe assegurar que é um poema digno dos melhores poetas brasileiros da atualidade.
 - É engraçado...
 - O quê?
 - Costumo me aborrecer com elogios sem fundamentos ou se alguém tenta, por quaisquer que sejam os interesses ou sensibilizado pelo meu empenho, enganar-me a respeito do meu talento. A irritação apodera-se de mim por completo. No entanto não demonstro raiva, muito menos minha fraca indignação e meus ingênuos anseios por vingança.
 - Tudo bem então. Respeito seu desejo; por isso não farei mais alusões, mesmo sendo todas verdadeiras, à sua grande capacidade poética.
 - Não, meu amigo! Não estou aborrecido contigo. Agradeço-te profundamente por existir e mostrar-me que, pelo menos à frente de um ser humano que seja, sou capaz de desrespeitar as leis de minha natureza ranzinza aceitando, sem nenhuma inclinação contrária, os elogios de sua parte. E, acima disto, não acha ótimo saber que me reconheço como pessoa às vezes e que admito um temperamento próprio?
- A gratidão demonstrada por Saulo ao seu bom, porém jovem e recente amigo, provinha de muitos outros motivos, mas ele, ainda no princípio da aceitação do seu verdadeiro eu composto por teses recém-despertadas, só conseguiu citar a mera existência de Roberto. Seu momento ainda não chegara. Precisava de mais coragem do que aquela mínima afirmação atrasada lhe oferecia porque quando chegasse a hora de pôr em prática todo o seu plano sorrateiramente planejado, ele não poderia falhar já que neste momento nada sairia como pretendido. Era necessário ter absoluta certeza de que alcançaria sucesso, pois suas aspirações a ser capaz de relatar o quê o infringia dependiam de infinita displicência para prosseguir num fluxo honesto com a ajuda das vantagens recebidas quando seguimos nossa verdade. Saulo não precisava ser poeta, ele já sabia esperar primeiro a distração de toda a sociedade, e então observar os reflexos de efeitos dourados que a luz do Sol proporciona durante as distintas disposições do dia, em seus pêlos, na água, nas folhas etc.
- Roberto levantou-se rapidamente a fim de aproveitar aquele momento raro na sua amizade dividindo com a irmã a satisfação que sentia por estar sendo útil ao seu amigo mais uma vez. Ou amigo de ambos, talvez.

Apesar de sua alta estatura e corpo aparentemente saudável enquanto vestido, Saulo sentia-se indefeso diante das mais favoráveis situações. Quando este abatimento era propositalmente visível a ela, a doce irmã de Roberto era outro refúgio dedicado somente a ele. Havia grande sorte nisso, afinal, os principais refúgios usados por suicidas e pedófilos em potencial, estupradores em potencial e entediados são lâminas, canções, livros, violões debilitados com duas cordas, insetos que fazem visitas raras... Garotas tão lindas quanto tristes são abrigos nas mentes dos próprios desabrigados.

Neste aspecto muito parecida com o irmão, Bianca sentia uma enorme vontade de ajudar a todos e de ser feliz com a felicidade dos outros e assim ela seria punida se insistisse em escolher esse alguém com o intuito de ser original. Percebendo essa fraqueza através de seu aguçado tato à distância que tentava aplicar em vão nas pessoas, Saulo escondia a face do mundo no colo de Bianca, chorando, abertamente implorando por consolo, as vezes febril, invariavelmente pálido. Durante uma dessas trocas insípidas, as quais só aconteciam em segredo, que os dois descobriram odores estranhos até então. Odores gratificantes, impiedosos, indicativos objetivos de caminhos corretos para seguir ou afastar-se. Para sua própria surpresa, a criança na adolescência que vivia minutos intercalados entre anos dificilmente conseguia parabenizar Bianca quando esta estava aniversariando e entregava-se logo a superioridade dos obstáculos que o impediam de responder a um simples cumprimento humilde dela.

Assim vivia o trio: um superando as deficiências do outro... os inconstantes, mercedores de carinho e afeto e os fiéis acumulando dentro de si amarguras facilmente resolvidas, todavia extremamente dolorosas. Ai de quem sinta pena e diga: “Oh, como deve doer!”. Pena; gostosa para quem causa, para quem desfruta. Este é o resultado de uma luta quase ganha onde os três desafiantes desistem da vitória.

II

Além do banco da praça, havia o quarto de cada um e uma pequena sala na casa de Roberto dedicada aos lamentos e aos debates promovidos por Saulo, sempre por ele, apesar de não opinar. Numa cidade que deveria ser repleta de distrações, cheia de espetáculos, embora fosse cinza, nenhuma beleza arquitetônica era conhecida, seu conhecimento se resumia a tão pouco e ao mundo de cada um que mesmo conhecido razoavelmente, é pouco. A solução foi agarrar-se aos postes e imaginar... E isso eles faziam bem, para seu azar. Passavam horas pensando em quão indiferente ao inevitável ímã da compreensão seria a vida se eles pudessem compartilhar pensamentos e mostrar um ao outro os seus sonhos na sua forma bruta porque se tentassem gritar, a maior parte sairia distorcida e não entenderiam o vasto objetivo de seus corações e profanariam a metade vital do seu mundo imaginário.

Entrando em casa, Roberto teve que encontrar rapidamente algo pontiagudo para comprimir contra seu braço. Ele tentava não enfiar com força. A intenção era não assimilar as coisas que sua mãe dizia e sangrar. A mulher estava falando há vinte minutos sobre como se comportava no seu tempo diante dos pais e despertava o filho para os perigos da cidade à noite, nesse caso: não deveria chegar tão tarde. Na verdade, ele pertencia a uma importante família, tendo mentiras a zelar. Roberto era impaciente com quem não tinha afinidades e estava louco para subir as escadas correndo e contar o seu grande feito à irmã quando o sermão acabasse. “Deus, é mesmo possível que uma pessoa tenha enjôos ao ouvir a voz de sua mãe?”, refletia, desafiando como de costume, o mais prazeroso mandamento. Seu pai, mesmo morto e enterrado, também era vítima de um descaso gratuito. Ele ficou momentaneamente espantado quando percebeu que era o único de sua família que não havia chorado pela morte do imponente Dr. Augusto José da Cruz. Morreu bastante velho já e soube aproveitar o seu tempo de vida: orgias subornadas aos mais decentes lares, jogos, intrigas, ideais alheios destruídos na busca por dinheiro, era parte da rotina do admirado Dr. Augusto.

- O quê você tem, meu irmão? – indagou-lhe Bianca, pousando vagarosamente seus lábios numa bochecha nervosa.

De repente um universo perfeito surgiu entre a boca dela e a barba rala do rosto de Roberto. Nele já estavam formadas as estrelas, os buracos negros chupando tudo, o lixo espacial e os planetas; e nestes, os países já estavam livres do Estado, as cidades construídas; já havia poluição e uma casa ofegante onde os irmãos amantes viviam. Pudor? Ela era mulher. Por que não incluir seu próprio irmão nos seus delírios? “Nenhum outro alvo oferece a sensação real do proibido, da discriminação, é o alienígena, o asco. Certamente jamais esse desejo será concretizado, então quem me impede de sonhar?”, testemunhava sempre a seu

favor, Bianca. Esta oferenda agradecida completava a porção aventureira da tríade e dava contribuições de qualidade visando diminuir os efeitos do que é habitual. Ela era “um fantoche nas mãos da sua matéria-prima e público”. Uma bela expressão de Saulo que esboça como sua fantasia e a dos amigos tornava-se sagrada aos seus olhos e duas vezes impotente à análise ocular da satisfação geral em voga.

- Tenho nada. Quero te contar algo sobre Saulo! - exclamou Roberto alvoroçado.

- Não o vejo há tanto tempo... Morreu?

- Falsa intransigência mata? Não diga besteiras. Ele está mais vivo que nunca e...

- ... mais insensível também! - interrompeu Bianca, hesitando em prostrar-se diante das qualidades do colega que estavam por vir.

- Ele te admira muito. Mas escute. Ainda agora fui apresentado ao mais questionador poema da Literatura Brasileira. - gabava-se o jovem com seu exagero característico e como se fosse de sua autoria.

- Duvido! - gritou a irmã de Roberto levantando-se da cama, com seu orgulho ferido e vermelha por ter sido passada pra trás.

Ela não merecia desprezo em troca de sua torcida pelo sucesso do seu paciente-poeta. As esperanças que a recolhida Bianca trazia no coração a torturavam bastante e logo agora que ela estava disposta a libertá-las veio o nojento do irmão com o troféu da inveja nas mãos fazendo com que ela decidisse calar vontades as quais não cessariam.

- Pode acreditar. Saulo é um dos nossos maiores poetas da atualidade. Isso não é simplesmente minha opinião. Espero que o ócio e a chateação não o atinjam de um modo negativo. Eu farei tudo que está a meu alcance para ajudá-lo, tudo!

- Tudo? - perguntou Bianca em um tom extremamente sugestivo.

As mulheres percebem quando seus objetivos estão sendo ameaçados com mais facilidade do que os homens, por outro lado, os homens se contraem quando fazem comparações imbecis com mais rapidez do que as mulheres. E se está sendo criada uma provável realidade sem a vivência do mundo, a partir de simples oportunidades negadas, as duas intuições são produtivas assim é bom não se tachar.

- Tudo. - rebateu Roberto, indo em direção a porta. Pedirei que ele te mostre. Confie!

- Eu não me importo com os trabalhos daquele rapaz. Além disso, tenho somente uma relação de trocas com ele. Somente. Infelizmente, simplesmente porque ele sempre mente.

III

Em outro quarto não menos sombrio e triste que o de Bianca estava Saulo relendo sua nova obra e corrigindo ao seu gosto os erros de personalidade que encontrava nos versos. Iniciando a reforma, seus desejos: “Movam-se flores. É numa atmosfera de quarto escuro, surdo e parado na qual escrevo. Num ambiente propício me vejo e sóbria natureza casta me perturbaria”. Ele dificilmente apagava alguma coisa. Acrescentava mais e mais transformando um poemeto num grande conto e provando sem se dar conta porém com um nítido prazer flutuante, que ele estava certo quando se aborreceu com Roberto. Seu poema agora estava pesado e complicado. O jovem sonhador consciente de que somente um sonho teria o privilégio de transmitir decepção realizando-se ou não, e o resto tampouco cumprir-se-ia, teve que sacrificar a beleza estrutural do seu plano para impor mais realidade dentro dele, permitindo assim que a sinceridade fosse incumbida de cercá-lo e mantê-lo como um todo. Como previamente adivinhado.

Foi procurar a mãe para pedir pela primeira vez a opinião dela sobre um trabalho seu. Percorreu toda a casa comprida, a qual facilitava o isolamento porque seu fim (onde ficava o quarto do prisioneiro) era distante da saída para a rua, olhou no grande terraço de ardósia amarela que havia, foi ao quarto dela, cheiroso e contrastando com a dona. Gritou, chamou com voz delicada, em vão. Com sono, deitou-se ali mesmo. Não na cama, no chão. Essas pequenas ações infantis mantinham a tríade viva. Eles procuravam relacionar-se com o ambiente de um modo incomum porque acreditavam que havia um duplo sentido em quase tudo ao nosso redor. E deviam arriscar se quisessem ter uma lembrança agradável para quando não houvesse nada para lembrar-se ou contar a si mesmo. Até uma esmola a mais do que o costume quebrava a harmonia cínica do que era escondido por segurança. Isso surpreenderia a quem tomasse conhecimento porque os três vegetais encontravam de fato outro sentido nas coisas, apesar do ângulo sujo, incompreendido, muitas vezes asqueroso.

- Onde está a maldita prostituta que me concebeu?

Houve uma despreziosa procura interna por motivos concretos que justificassem uma atitude tão cheia de injustiça. E nenhum foi encontrado: outra razão para rir. (Pois a busca revelou-se intensa). O dissimulado transformava em verdade pura os pecados diretos e indiretos que deixavam-no bem, inclusive lambendo do chão o sangue coagulado de um bêbado esfaqueado pela mulher por causa de alguma fatalidade que não esteja usada em excesso.

Saulo concluiu que ela fora participar de uma vigília pelo bairro ou entronização do Sagrado Coração de Jesus na casa de um infeliz desempregado e com fome.

- Essa é boa! Levam orações para um faminto quando ele precisa é de comida”.

Sentindo a morte chegar e em busca de perdão nos seus últimos dias, sua mãe, como o resto das senhoras que atingem certa idade, procurava a Deus de todas as formas. Se todos os olhos humanos vislumbravam tal fato, esta postura hipócrita-materna só causava extrema repugna ao garoto. Ela alegava que era tão devota assim porque precisava encontrar paz de espírito desde que o ingrato marido pediu divórcio e a abandonou com “este estrupício” (dizia ao afagar bruscamente os cabelos negros lisos do menino). Amanda jurava que não voltaria a chamar o filho mais dessa maneira ao mesmo tempo em que o xingava. É difícil conter-se quando o desprovimento moral nos cerca repelindo arrependimentos. Saulo em tempo algum havia reclamado de tais apelidos. Ele ficava imóvel durante as discussões, irritando-a mais; o divórcio era recente e continuamente repetitivo, já que Amanda recebia com frequência, alegre por estar certa de que seria interrompido seu longo e sofrido jejum sexual, a visita do pai de Saulo. Homem bom, viajante. Tentou ao máximo agüentar os modos da mulher e chegou a conformar-se com três ou quatro. Apesar de manter a casa limpa, Amanda era um poço de desleixo, muito gorda e porca, sem um pinga de educação, ela costumava contar os acontecimentos da família, brigas, fofocas, aos vizinhos. Sendo eles honrosos ou não.

Caía no sono, Saulo. Amando ainda mais os seus amigos que eram tão inteligentes e sensíveis quanto ele e desprezando a mãe: “Eu que estava precisando de uma bela oração agora. Que fome! Provavelmente dormiu na casa de um desgarrado do rebanho do Senhor tanto quanto ela”, concluiu o sonolento contraste ouvindo baixinho o barulho da chuva lá fora e respirando forte para que o vapor que saía da terra banhada pelo sol durante todo dia, entrasse em seus sôfregos pulmões prejudicados por uma doença cruel que sumiu logo após o início da puberdade.

IV

O amadurecimento de Saulo trouxe outras surpresas além do desaparecimento repentino do mal que o acompanhou infância adentro. Discursos sobre como a intromissão das pessoas era capaz de alterar a rota de nossas vidas sempre pareceram impossíveis para o precoce rapaz que conhecia o exagero intimamente. Ele pôde perceber que esta teoria estava correta quando, numa tarde indefinida como as outras; (a rotina é necessária sim! Como também a inconstância mental que povoava o ambiente sofrido dele, as duas machucam na mesma proporção e isso também o obrigava a rodar e ler livros inteiros sentado nu no vaso sanitário com companhia exclusiva da infantilidade que brota entre os dedos e os pêlos pubianos, agüentando a estupidez que estava em volta dele, embaixo dele, a essência humana); numa tarde normal para uma pessoa banal a qual espera acontecer, ele ouviu ao longe um comentário entre sua mãe e outras senhoras do lugar sobre sua relutância em “iniciar” sua sexualidade:

- Meu Deus, como está quente hoje! Não agüento ficar um minuto dentro de casa. – segredou Regina, uma das presentes à pequena reunião.

- Está sim, mas acho que esse verão não será tão quente quanto o do ano passado. – opinou pequena senhora que acabara de chegar, sem levar em consideração o efeito estufa e outros problemas resultantes da sua ignorância que pioram a cada ano.

Ela se chama Maria. Durante as humildes reuniões sociais que participa é ela quem critica com mais veemência, como se os defeitos dos outros a afetassem mortalmente, porém, não era o que a destacava perante as outras. Antes do seu comentário errôneo sobre o clima, as senhoras já haviam percebido sua presença a uma curta distância graças ao forte cheiro exalado das roupas que usava. Persistente, difícil de ser identificado porque a prestativa Maria freqüentava diversos lugares, inclusive cemitérios e festas, com a mesma saia de brim marrom e a camisa amarelo-ouro de cetim. E foi da boca dessa mulher que surgiu a indigesta pergunta ouvida também por Saulo que estava quieto e atento à conversa daquelas sentadas ao portão.

- E o que faz o seu filho enfurnado dentro de casa nesse calor, Amanda?

- Aquele lá parece que não se importa. Se entra no quarto, o único que o tira de lá é o filho do falecido Dr. Augusto - afirmou a mamãe, segura dos interesses do filho.

- É mesmo! Quase não o vejo pela rua com os outros rapazes ou com as meninas... Já estão tão crescidos! Como o tempo voa! Qual é a idade de Saulo? Dezoito? Dezenove?

Maria deu o último palpite sob discretas cotoveladas e olhares raivosos das outras mulheres ali, refrescando-se... Ela continuou seu ardoroso comentário:

- Ah, meu tempo! Eu não deixava escapar nenhum rapaz que se mostrasse interessado por mim e olhe que não eram poucos!

Sem perceber o esforço das amigas que já previam as conseqüências de uma crescente curiosidade descabida (humanamente desinibida), a velha repugnante concluiu:

- Esses jovens de hoje: alguns são atirados demais, enquanto outros permanecem em casa alimentando uma tristeza inútil... Vocês souberam? A filha do Pedro vai se casar esses dias! Dizem que está esperando um filho de um rapaz da escola. Eu já avisei ao Bruno para que tome suas precauções, porque eu não quero ser avó tão cedo! E Saulo? Será que ele não guarda nenhuma namoradinha secreta por aí?

Logo transformada, pungente, a pergunta de Maria foi ao encontro de Saulo o qual ainda estava escondido junto ao sofá, ajoelhado, e voltou à boca da mulher. Como se não existisse nutrição do bem-estar da vergonha no âmago de cada um. E ficou assim: indo e voltando e a desgraçada indagando esfomeada e todos ouvindo aquilo e por que ela falava tão alto? Ele não sabia aonde nem de quem se esconder. Procurou manter-se calmo, mas como? No cantinho escuro da sombra do sofá, o motivo de piadas de todos os mortos que um dia habitaram a casa era só um menino imaturo e as faces formadas pela madeira do guarda-roupa e da estante riam dele sem parar. Tudo nublado. Quem pensou que fosse desprovido do dever de ser si próprio viu seu reflexo, impotente diante de tanta invasão de sua privacidade a qual dizia respeito somente a ele, do seu eu. O intervalo entre a questão que mais desafiou a perspicácia da psicologia e a resposta de Amanda, sem um pingão de senso de proteção materna, foi uma ilusão, foi o presente eterno. Todos estavam cobertos de ansiedade, porque ninguém, principalmente Saulo, esperava que ela tivesse capacidade de responder de uma forma tão violenta, má e eficaz quanto à pergunta. Amanda costumava perdoar esse tipo de insinuação sobre o filho, seja por preguiça ou por falta de argumentos para defender-se. Não era preciso levantar essa questão diretamente, afinal, não há preconceito, as opções são respeitadas. No entanto, oprimida, ela soube agir com o intuito de salvar a integridade do homem da casa, pois, sem um marido, “é preciso agarrar-se a qualquer peste do sexo masculino que tenha seu sangue e principalmente habite seu lar”.

- Meu filho é meio devagar. É sonso. - disse calmamente com um ar de eficiência.

Houve uma longa sessão de risadas entre as senhoras que sentiram um grande alívio ao perceberem que Amanda havia controlado a situação com desenvoltura. Entretanto, as risadas, não o mútuo conhecimento da solução, tornaram-se uma grande ofensa àquela mulher que possuía modos rústicos e conseqüentemente agressivos.

Ela iria tomar um banho rápido e infelizmente teriam que deixar o papo pra depois. Queria ela entrar e arrancar do filho uma resposta mais convincente do que a dela? Sua atenção fora despertada para um fato que não havia anteriormente percebido por sua perversidade: seu filho já era um homem, porque ele não tinha nenhum interesse por garotas?

No insuficientemente maçante estágio do dia na resistência ao enfraquecimento das virtudes do homem, propício ao relaxamento, estavam Saulo e Roberto conversando sentados numa pequena mesa de pedra fria com um tabuleiro de xadrez pintado no meio. Achavam intrigante a textura da mesa. Havia uma gostosa ligação entre aquela superfície, os dedos de um dos rapazes e a infância deles. Aquela aspereza gelada e convidativa. Eram poucas as lembranças dessa época da vida, então as que surgiam, agradavam.

Conversar sentado mostrou-se um belo disfarce para a diferença de estatura entre os dois amigos, a qual importunava demais a Saulo e as pessoas que estivessem próximas a eles. Costumavam interromper o próprio papo para comentar o crime que havia ali defronte delas, numa ameaça constante, como se fosse pecado o bom relacionamento entre dois seres um pouco diferentes. Ficavam a ponto de perguntar, com muita educação, as alturas dos rapazes somente para justificar a expressão de espanto que já apresentavam antes do conhecimento da grande desigualdade.

Este detalhe estúpido é suficiente para bloquear importantes impulsos necessários à conclusão de certos objetivos que envolvem sentimento, por causa disto, o resultante da devoção e do desprezo deixava o amigo Roberto falando sozinho muitas vezes e ia para casa em passos largos quando percebia que era estudado por quem não estava dormindo após o almoço. Nesses ataques de sensibilidade, Roberto continuava sentado na mesma mesa tentando lembrar das infelizes palavras que espantaram a única pessoa, além de Bianca em certos humores, em que ele pode confiar de sua companhia. O único motivo que o negro Roberto encontrava já no fim de sua angústia era os insistentes olhares dos curiosos. Só que estes não o perturbavam. Não sabia o ingênuo limitado que era ele a principal causa da fuga de Saulo: Roberto que era o subdesenvolvido, o burro que não lê mas que desperta caridade.

Como em todas visões dos criminosos, esta também reunia os principais elementos da discriminação e seus elementares efeitos que atendem a todos os interesses.

VI

Dentro da sua dimensão não havia muitas coisas para se fazer acordado. O propagador de idéias repugnantes ouvia música (ele gostava de um estilo, mas sorria e agradecia se alguém lhe oferecesse discos compactos de baixíssima qualidade musical), e lia à mercê de sua disposição, rapidamente certos livros e compreendendo cada linha ou levava dias com uma página e meia numa leitura sem tanta paixão, porém com o mesmo entender raramente impreciso.

Mesmo assim a capacidade de sobrevivência através de livros e música não vinha daí. O talento igualmente não crescia de dentro. Era uma conseqüência intrusa. É um erro perder tempo e desperdiçar emoções lendo a história de amor dos outros se você não tem uma própria para contar. Saulo sabia o quanto custa criar uma correta, com funções definidas antecipadamente por seus antecedentes. Atributos essenciais presentes então em nós são despojadamente descartados. Os casais de namorados adolescentes já haviam sido formados por todo o mundo e ele podia interpretar vários papéis quando quisesse, de acordo com suas necessidades. Todavia, o garoto era sincero em suas ações. Se um dia ele fosse a um prostíbulo forçado pela insistência de falsos amigos desleais e pelo dinheiro e impaciência do pai em fazê-lo perder a virgindade, ele sentiria a prostituta e a examinaria fazendo com que todas as suas palpitações infantis se voltassem exclusivamente àquela mulher distante, poderosa, livre e totalmente segura de si mesma. Isto seria invejável: gestos premeditados, embora surpreendentes. A diferença que há entre passar a mão no próprio cabelo e alguém desconhecido ou mesmo a sua mãe passar, vem dessa fatalidade.

O imoral só precisava fechar os olhos para ignorar o jeito como a maioria namora inventando um mais claro onde no mínimo os olhares são compreendidos por ambos. Ele decidira ser este o núcleo das relações que não teve após assistir, de uma segura distância, a um desentendimento entre dois jovens que provavelmente eram namorados. Saulo não podia ouvir nenhuma palavra do casal, contudo, via claramente as expressões de ambos e reparava em seus olhares. Um não entendia o outro! Enquanto o amante latente incomodava-se com a velha ciência do que queriam dizer... às vezes a razão era da garota, então ele a defendia, gostava dela, e o olhar do outro dizia: “Como assim? Eu não entendo”. Logo depois, não encontrando um fim para a discussão, o garoto foi enraivecendo-se. Uma sinistra transformação ocorreu no fundo dos seus olhos. Bem dentro dos olhos. Foi então que a garota aproximou-se e beijou o seu carrasco. Beijou o homem que certamente vai matá-la na terceira briga conjugal.

VII

Saulo continuou seu caminho após a triste constatação de estar inteiramente pronto para o amor, mas não amar. A sua dupla predestinada capaz de suportá-lo com todas as adversidades contidas nele não aparecia mesmo considerando a todos supostos pretendentes. Podia ser qualquer um. Mas sem apresentações, por mais informais que sejam, não são necessárias se existe sintonia, e existe sintonia nas pessoas. Optam por viver mecânicos... Quem viveria alegre acima destas condições e arrancaria diversão do convívio com um jovem cuja maior vontade era estabelecer-se por qualquer termo literário desconhecido por ele, não aparecia. Se uma barata sem ideais dissesse pra Saulo que ninguém assim existia, quais são as formas mais dramáticas de acabar com a própria vida *sem dor* e sem mostrar a covardia que há nessa fuga? Na razão dela? Covarde não por se matar, no entanto o garoto não conhecia dor física, não trabalhava (apesar de ter sido admitido como empacotador de supermercado e impedido pelo sorrisinho negativo de D. Amanda quando descobriu a notícia... seria produtivo, era bom aluno se estudasse e tinha formação. O outro rapaz candidato à vaga queria o dinheiro mesmo, como os outros que não tiveram oportunidades); pelo menos na morte uma agonia pequena é memorável. E como ele observava as coisas! E sentia-se encurralado quando passava por um grupo de pessoas na porta de uma loja por exemplo, revirando promoções. Pensava que eles o estudariam com igual inibição certa. Porém elas olham por olhar, como olham um caminhão passando pois ele faz barulho e a rua delas é calma, rua morta.

“O mundo moderno não precisa do equilíbrio ecológico para sobreviver”. Isto foi dito para si mesmo quando viu vários bancos e nenhum tigre na cidade. Sua própria apatia doía tanto quanto aquela invasão de nomes estrangeiros. Desrespeitados não faziam nada, entretanto, eram abençoados e não percebiam o quanto estavam sendo violentados.

O despertar do desejo de pedir desculpas a Roberto por tê-lo deixado sem nenhuma explicação foi o que condenou Saulo à realidade: ele viu que tinha sido quase atropelado duas vezes e que sua calça ficou suja de lama espirrada por um ônibus, lotado de jogadores de futebol sorridentes por causa de uma vitória recente e do lerdo que nem sentiu o banho marrom.

A vida não está parada para todos. Roberto não estava em casa. Então para onde iria? É uma tarefa incômoda procurar um lugar para ir... Não havia nenhum tipo de diversão que se encaixasse nele. Saulo recusava os convites para comer na pizzaria. Tinha pizza no congelador e era angustiante ver pessoas rindo sem motivos para tal. “Um cachorro passando na calçada e o pessoal da mesa percebe que ele manca. Só eu não rio? Qual é a graça? Será que aquele machucado não dói? Gente, o cachorro sabe ouvir, ele está escutando, não fica magoado? Os sentimentos de um cachorro vadio não importam?”.

A inocência das perguntas se repetia no sorriso disfarçado de Saulo. Olharam para ele, lhe faltava a alegria de sobra ali agora, obrigado, sorriu. Mais um motivo para não ir era o seu alguém imaginário. Perdido, ele se flagelava. Não obstante considerando que toda a gente têm um alguém, seja ele real ou imaginário. Ou talvez há alienígenas que não necessitam de calor ou de um sonho e que não participam da festa nem enxergam a solidão que brinca ao seu lado; a felicidade deles rindo defendida pelo egoísmo. O que é tão justo assim que dá até uma chance para banalizar-se relações com uma imaginação pura sem cobiça para quem não tem ninguém? E o alguém de Saulo era mais interessante do que as meninas bonitas que foram à pizzaria. Apesar disso, ele esperava pelo dia em que era convidado com frequência para visitar os lugares mais comuns aos de sua idade e assim se divertir recusando alguns convites ou aceitando um ou dois só para certificar-se de que é melhor depois de uma análise solitária deles e de suas atitudes. Os imaginários são inteligentes até quando o seu criador é feliz.

Bianca atendeu a porta. Feminina, macia, rejeita vaidades. Segurando um copo de alumínio lambido nas bordas, contida, deixou que seu amigo infiel raciocinasse por um bom tempo antes de falar.

- Oi, Saulo.

- Roberto está aí?

- Oi, Saulo!

- Por que você não pode simplesmente dizer sim ou não?

- Mas o quê te impede de me cumprimentar?

- Eu devia ter feito isso no início. Roberto está em casa ou não?

- Ele saiu pra conversar contigo e ainda não voltou... Aconteceu alguma coisa? Você não o viu?

- Está tudo bem. Eu pedi que ele me esperasse, mas ele não esperou. Obrigado, eu falo com ele depois.

- Quer deixar recado? Pode falar comigo se quiser.

- Acho que não precisa. Obrigado. Eu já vou. - rechaçou sem entrar na casa.

- Eu sou capaz de dar um simples recado! Ora, somos amigos, não somos? Eu confio em você: agora mesmo me veio a coragem de pedir perdão por ter pensado que você veio me ver. – ousou Bianca, forçando Saulo a dizer o que não queria para responder rapidamente e não parecer abalado por aquela frase de efeito que fluiu veloz do íntimo extrovertido dela.

-Você não precisa pedir perdão por isso. Está incluído nos seus direitos ter pensamentos absurdos como este.

Como última coisa que o ingrato queria para si era ser rude com alguém importante que visivelmente se importava com ele. Pelo bem-querer incondicional a par disto, por dentro perdoaram Saulo. Aproveitando-se então, Bianca, intérprete colossal de um mendigo carente de afeto, mais indiferença lhe foi dada:

- Eu sabia que havia uma chance de te encontrar quando soube que vocês não têm mais uma empregada que abra a porta e receba as carícias do seu irmão.

O máximo permitido pelo Orgulho foi mais uma ofensa irônica seguida por um “tchau” autoritário saído da nuca que deixou a menina só brincando com a fechadura da porta. Saulo origina-se da seleta legião que se permite ser orgulhosa tendo suspeita de arrependimento iminente. Ela, por sua vez, não tinha vergonha do que sentia ou escondia, então sussurrava os acontecimentos do dia no ouvido do seu urso de pelúcia que substituíra espécies de ombro utópicos e melosos.

- Ah, quando Saulo aparece é tão bom, ursinho! Penso tanto, viajo tanto. Ele parece um filho desgarrado da “Mãe China” fugitivo em Taiwan dizendo pra mim em inglês: “Muitas intenções, nenhum expressar”. Apesar de cada despedida ser mais desanimadora que a anterior, ele sempre volta pra não voltar mais.

Pobre menina iludida. Menos mal por pensar desta maneira. No fundo precisavam dela, principalmente quem a desprezava mais e talvez nunca abandonasse essa doçura cega se não tivesse sido abalada por deslealdade desesperadora. Tinha o poder que não depende da beleza, não era destaque nos lugares públicos que entrava. Podia conseguir as coisas que queria utilizando-se desses fatos. Sendo o primeiro comum neste tipo de sexo; a maioria apresenta o segundo. E é uma pena que os poucos que não o usufruam sofram o suficiente por todos. Mas se pudesse optar, Bianca cataria o que menos precisava e o que mais tinha, contando com que de Saulo viriam raros momentos de entrega e cuidados onde ele a subestimaria sem cessar. Ela não saberia gerenciar a ligeira nuvem de segredos íntimos que ataca quando nos aproximamos de quem já conhece a todos e não se permite ser conhecido.

VIII

Ainda pensavam um no outro alguns dias depois. Caso não houvesse contato real entre eles por um tempo, continuariam pensando um no outro e teriam muita inspiração. Com essa ajuda recente então... deliravam, milagres aconteciam forçados por uma saudade imensa controlável a qual devia ser obedecida: Bianca e Saulo, Saulo e seus temores, saíram juntos.

Convite não houve, eles saíram um com o outro. Parece que se encontraram no local por acaso com um conhecimento prévio comum do inesperado. Logo os dois destacaram-se dos demais que bebiam abraçados às garrafas e conversavam sem intenção de dividir felicidade. As mulheres não percebiam o quanto Saulo era bonito. Ele passava perto delas e não era visto, no entanto elas pareciam alegres segurando a cabeça dos homens que haviam acabado de conhecer; contudo também não estavam com eles. Só que estes mantinham a confiança e como eram másculos.

Ele se retraiu porque não se encaixava no lugar e nas suas cadeiras e mesas. Imagine que algo o coçava ou que ele sentava torto.

É óbvio que aquela noite seria parte dela para sempre, apesar de o início ter sido incômodo. Bianca não sentiu dó dele, tentou ser solidária à toa. Ela queria ficar a sós com Saulo... e se levantou primeiro da mesa em direção a uma mureta que dividia uma acolhedora vista alta e intocável e o lugar ileso que devia suportar. Novamente a mulher atravessando (legalmente?) a fronteira da timidez, desafiadora e impaciente. Depois, vestindo sua antiga capa indolor que o suspendia ainda mais em vez de o proteger, olhando tudo, com medo de tropeçar, buscando um tropeço, um tombo, uma atenção!, e pronto para viver na pele de mais um personagem temporário que fugiria assustado a partir da primeira atitude natural niilista, Saulo foi. A realidade continuou sendo mais pulsante porque tinha consistência, faltavam absurdos românticos irrisórios, todavia o vento sim, despenteava, o frio sentido vinha com a sensação de poder sobre a situação, porque ilusões são julgadas por seres incrivelmente impiedosos, os quais nunca estão satisfeitos e introduzem uma ira brutal se somos abordados por quem não tem a mínima idéia dos possíveis problemas que surgem na vida de alguém e sustentam uma comportada modéstia para alcançar as mais inúteis conquistas como o telefone de uma garota vazia. E ela se sente requisitada para uma causa nobre, talvez ela pense que vai trazer alegria para o novo amigo quando na verdade vai ser apresentada à antiga namorada do homem seguidor de tradições.

Bianca ouviu os passos do seu futuro namorado – quem era o culpado por ela pensar assim? Saulo não! Ela se obrigava a pensar desse jeito por um motivo simples: ela podia ter um namorado! – e a certeza de que eram dele a fez voar imaginando que ela não virar-se-ia para

recebê-lo, continuaria admirando a vista permitindo que ele a abraçasse por trás com experiência e segurança provocante.

Provocantes mesmo para ele eram as imagens religiosas de sua mãe, com suas curvas de gesso entediadas pelos hesitantes pecados confessados aos seus pés pelos rapazes da mesma idade dele que agora as venerava de um modo mais sincero e livre de desespero. Ele fazia porque queria e só queria o que de fato procurava: livrar-se do que era banalizado e praticado à exaustão pelos fiéis.

Da cintura para cima os dois corpos se encontravam colados, equivalentes. Se surgisse algum medo amparado por qualquer preocupação, ambos buscariam a retração. E reconheceriam o erro, portanto havia espaço para análises e como a masculina geralmente é a mais cândida e despreziosa, o cabelo de Bianca era longo e nem um pouco intimidante. E o cabelo das garotas chegava a ser mais atraente do que a constante reluzente independência estampada na face de cada uma. Não importava a cor e dependendo do comprimento, a individualidade delas é tampada de uma forma tão macabra (alguma freira ciente de sua missão podre deve segurar na frente o cabelo até o hipnotismo completo dos meninos incapazes de criar um gosto próprio sobre bebidas que trocam uma boa visão de um leteiro iluminado por um rápido relato sobre globalização selvagem), a qual obriga que excluídos assimilem cegamente o belo.

Enfiando a cabeça através do véu orgânico que escondia a altiva conduta instintiva e invejável nela, cheirando e satisfeito por estar se exercendo de acordo com os padrões e aprovando sua função, a boca de Saulo, o corpo inteiro controlando a mente, expeliu:

- A fêmea da raça humana.

- Como?

Será que ela tinha entendido? Ah!, como foi arriscada aquela pergunta. Saulo poderia ter dito algo funesto, no mínimo desastroso para uma iniciação se ele percebesse que ela entendera aquela insignificante observação. No entanto, o mundo era de pedra, ele era quando preciso, assim repetiu:

- A fêmea da raça humana. Foi só isso que eu disse.

Os desenhos do aparelho reprodutor feminino, do aparelho respiratório, excretor, circulatório, a essência do oposto, o qual na maior parte do tempo não estava só, das páginas do livro de biologia faziam parte dele agora em que se sentia em contato com Bianca. Esquecido este ultrapassado aprendizado tedioso, ela não sabia que Saulo era tão destacado dos outros mas logo gostou e ele encobriu sua vergonha:

- Que vista, hein?! Tá vendo aquela casa lá embaixo? Aquela só com uma luz acesa?

Certo de que era impossível a sua amiga enxergar tão longe e profundo, um pequeno monólogo:

- Aquele é o quarto de um garoto que não consegue dormir e teve que acender a luz para escrever o quê rebelou-se em sua mente. Porque ela inventa o que não se sente. Um pedido que ele não cansa de fazer é o de estar aqui com esse pessoal, aqui no meu lugar. E é por ele que eu faço isso:

Bons atores não se envolvem, protegido, Saulo deu um singelo beijo nos lábios de Bianca e saiu devagar. E ele se sentaria à mesa sem emoção alguma, como se tivesse acabado de fazer um favor (não quis agradecimento), por sorte ela o chamou:

- Saulo, vem cá!

- Pra ver você limpando a boca?

- Eu não vou limpar!

- Mas devia porque eu babei.

Tinha sido o beijo mais seco jamais dado. Nenhum casal apaixonado desidratado pelo total desconhecimento do que realmente traz romantismo, como por exemplo a falta dele, tinha beijado tão suavemente. Quase não houve beijo, muito menos saliva. Como era majestoso sofrer por mérito seu. Julgando-se constantemente, a mania de humilhar-se acompanhava o garoto atrasado a fim de obter uma ácida sensação de bem-estar quando aprendia algo que todos já haviam assimilado. Porém, o momento excepcional que estavam vivendo foi maior, eles se calaram para aproveitar este feito extraordinário o qual as leis da sobrevivência solitária ainda não explicaram.

IX

A noite passada tinha sido tão boa! Apesar de as noites serem agradáveis algumas vezes por não haver compromisso de rotina divertida (dias úteis) a não ser dormir, então a vida pode ser uma chatice com repetição infinita livremente; a noite passada tinha sido maravilhosa. E hoje de manhã parece que nada de diferente aconteceu, Saulo não saía de casa há semanas e Bianca trancou-se no quarto com seu urso preto sortudo. Se ele não fosse tão esnobe, os rapazes invejosos da rua morrendo por uma daquelas carícias não o odiariam sem saber a quem e as bonecas seriam idênticas a ele.

Tantas coisas contrárias ao bom senso vivem acontecendo e elas esquecem de perder sua importância e de envelhecer com a memória dos outros. Um problema antigo merece ser resolvido e não encaixado nos espaços restantes de nossa tolerância.

A convicção de que uma transformação seria inevitável e manteria um estado de espírito tolerável sem a sensação das quatro paredes de concreto se fechando dentro da cabeça e comprimindo o cérebro sem se estar gripado, pulsava na consciência daqueles que almejavam relações exatas as quais trariam benefícios que proporcionam um descanso urgente. Esses eram os três amigos fiéis na vida e na morte. Era sabido que teriam melhoras em seu próprio caráter se fossem aceitos por si mesmos. E digo, nem a fatídica morte os separaria e amaldiçoariam o padre se quem define a duração de um casamento são os recém-casados. Queriam estabilidade e o aumento da intimidade entre eles traria isso. A inexperiência perseverante e audaz se adiantava e costumava montar no pescoço, sem ser notada, de quem tentasse se aproximar de suas criaturas e seu autoritarismo vinha de um pai severo incapacitado que Saulo reconhecia ser proveitoso por estar ausente e de uma herança malévola nunca cedida que intimidava as principais formas de aproximação humana.

Uma vez ou outra, um pavor duplo que os dois machos do trio compartilhavam se repetia. Ao lado de Roberto sentou-se enquanto o ônibus rodava uma garotinha magra, por pouco imperceptível a não ser pelo ar cítrico, suave que deslocava com o contrair dos músculos na respiração. Sempre o cheiro. Deviam usar pouco o nariz; mais uma menina realizada. Ele, inquieto, achou que devia descer. Esperar o ponto para quê? Não seria notado ao levantar-se se saltasse antes contando que já tinha hora certa para puxar a cordinha e ser o culpado por quebrar o silêncio. Não conseguindo, cansado de refletir e terminar encontrando de novo um lado obscuro em cada medida de emergência, o teto do ônibus não aumenta com a força do pensamento, mas nele, Roberto viu que seria ótimo se em alguma civilização contemporânea as pessoas se cumprimentassem calorosamente após tomarem o lugar do imaginário do outro. Ele iria para lá correndo e apreciaria ter de ouvir pelo intruso, sem ter culpa naquilo, os suspiros

agonizantes do companheiro invisível amassado. Um sorriso bastava. Porém, todos deviam ser merecedores, não só o homem atraente ou uma mulher sedutora.

Sua presença clandestina além do banco já tinha sido absorvida e desaparecido, Roberto estava entregue, e a garota o atacou:

- Eu gosto de você, sinto e sofro com o que você sente e gostaria de ajudá-lo.

(Alegria inesperada é ataque. Vivendo com a intensidade do medo se sobrepondo à simplicidade de um ato humano comum, olhamos para os lados com uma viseira eqüina apertada e buscamos antecipar-nos às armadilhas do mundo).

Isto foi dito sem que se notassem. Ela não deu tapinhas no seu ombro e depois falou. Jamais um devaneio fora tão presente e alucinante desse modo. Onde estaria Saulo agora? Como lembrar-se do jeito que sucedeu para contar-lhe depois? Besta, por inteiro, Roberto continuou olhando pra frente. Uma marcha foi passada, depois outra e outra foi reduzida e a menina inquiria aquilo que a janela lhe dava com sua transparência. Dois homens que viajavam acharam graça deles. E intrometeram-se vulgarmente com o olhar que lançaram nela, que percebeu e não se importou, menos na opinião dos homens: “No futuro brevemente debochará de abster-se de amizade e respeito. Ela desconhece a queda adiante”. O destinatário da mensagem deitada ao vácuo sabia que era com ele. Que fazer? Retribuir? Do mesmo jeito? Fazê-la sentir o que sentiu? Ele não sabia se ela gostaria e nem se necessitava. Ser motivo de riso então? Era com ele, tinha certeza, mas e se fosse?

Ele estava fatigado e queria aquilo, era sua vida! E o pavor foi sentido e enfrentado. Vencido não seria porque já era quase um homem e não viveria mais como qualquer um, todavia, faria o possível. Espero somente que ele tenha aprendido o suficiente para cuidar de si mesmo. Pronto para integrar-se, perguntou:

- O quê você gostaria de ouvir?

Ele sente! Deve ter sido o cheiro dos trabalhadores que voltavam para casa que o confundiu. A força da influência de duradouras preocupações gerais com o outro decidida pela piedade, clemência de última hora, e pelos pequenos abalos. Perdoando-o, ela afirmou ríspidamente:

- Você sabe o quê eu não tenho.

Hipnotizado, subordinado, certo de que estava capacitado para o serviço, comandado, Roberto permitiu que seu coração salvasse outro e esqueceu-se de quem fora até ali, fez “joguinhos” com a redenção e deixou-se apanhar e a salvação matéria que constrói mulherzinhas se tornou e firme, deixou-se ir:

- Você não está sozinha, preciso de você e me importo com seus problemas comuns que as outras conseguem resolver e você não. Tem uma última coisa que não vejo e você quer muito.

Mas já era suficiente. E era mágico. O povo voltando pra casa não estranhava mais. Haviam se acostumado e eles falavam tão alto e pensavam da mesma forma. Saciados, o destino dos dois podia terminar ali, no próximo ponto, as necessidades de uma vida foram preenchidas num diálogo aberto de palavras toscas. Ela quis saber se ele a havia olhado, ele negou e a indagação devolveu, recebendo a mesma resposta. Conheciam-se bastante por dentro e nada que estivesse fora deles importaria. Infelizmente numa regra, os pequenos fatos que obstruem a tomada total da realização importunariam. Atualmente, mantêm-se vencedores: a garota tirou o cabelo detrás da orelha e o ajeitou cobrindo a face direita virada para ele, lindo, forte e brilhando. Alguns músculos até.

Com um gesto singelo, livre de curiosidade, numa pura brincadeira, Roberto virou-se e botou o cabelo dela na posição anterior quando percebeu que ela escondia algo ou uma espinha. Com isso, deixou nu o corpo recatado da garota e descobriu uma cicatriz. Ela foi logo ocultada, a menina, coberta por um grande desgosto, só que a cicatriz era horrível e incrustou-se na mente dele quando a viu. Contudo, deveras impressionado ficou somente com o empenho dela em se esconder e seu fracasso. Inchada, desigual, alcançava o lábio inferior partindo do pé de sua orelha e sua cor era claramente mais escura do que o resto da pele. Crianças exploradoras tinham vontade de apertá-la e percorriam todo seu percurso com dois dedinhos duros e inocentes.

Roberto simplesmente disse: “É tão superficial! Não a vejo em você, ela não te toca. Não faz parte do que você é”. Foi então que o machado, o acidente de carro, o pai bêbado ou o amante ciumento, finalmente, não fizeram um bom trabalho e fugiram. Tinha se fechado o espaço para eles e a garota sorriu.

X

A possibilidade de dividir essa conquista com os amigos foi descartada por ser tão alheia ao entendimento que antecedia suas conclusões. Agora maduro, resistia na esperança de não menosprezar uma vontade ou opinião que não tenha sido revelada, sabia que flor revoltada só brota em jardim bonito, pois as do pântano só querem ser flores. Sensações sadias tendem a se sentir estrangeiras se abrigadas numa palma abandonada, acostumada a não receber tapas. Ou dar-lhes. A qual imagina golpes violentíssimos com o ódio como alavanca e chamegos com movimentos novos e originais. Na verdade, só dois pares de ouvidos eram considerados aptos a compreender uma aproximação tão preciosa e estes viram um ao outro como carne, nada mais, há horas atrás, em uma exatidão da existência impiedosa, sem alma ou expressão numa absorção funcional de máquinas frias cumprindo ordens de um Livro antigo.

A felicidade em si continuaria forte e atingia quem chegava perto de Roberto. Ele e a irmã fizeram uma toalha de mesa de crochê juntos e ela se desculpou por não tê-lo acompanhado ao passeio. Mas ele fazia aquele trajeto nas tardes, noutra ocasião ela iria. Só que Bianca sabia o quanto era importante sua companhia quando ele saltasse e desculpou-se novamente.

Às 11 horas ela tinha recebido sozinha, num quarto que se apagou de repente, sangue jorrando de um coração límpido, ou seja, o quanto Cristo sofre com nossos pecados e viu o sentido único daquela imagem d'Ele sangrando, olhando pro alto com um ar de incapacidade diante de tanta dor, agora nesta época. E Bianca a acolheu inteiramente muito por dentro e teve medo no espírito. Seu mano estava ausente. Ela não soube dizer se toda a lisonja de Seu pesar lhe entregaram. Era claro que tinha sido enorme e que aquela visão era interminável para um dos seus amigos o qual era espinho e testa. Quis ter as idéias de Saulo em seu colo agora em certificação.

XI

Ele veio. Para ela, para quem o quisesse, pois estava bem e teve um daqueles lampejos raros onde não se tem nada a perder. Recebido com um “entra aí!”, deitou-se sem cerimônias no sofazinho da sala do Doutor. A toalha lhe foi apresentada e ele estalou um lábio na cabeça da fantoche; trouxe alguns fios curtindo seu lado galante que resultou num aperto de mão em Roberto invejado por chefes de Estado em um acordo de paz. Selavam sua amizade e ela transbordaria sobre quaisquer desavenças mesmo se morressem afogados em depressão e egoísmo um ao lado de si próprio que habitava no outro. Separaram-se com a entrada da nova colega dele que pediu sua atenção gentilmente, cabisbaixa. A mão devia ter saído rápida, todavia não podia ter saído de perto da sua. Saulo ficou desolado e deixou que fosse percebido por Bianca. Esta - quem merecia o prazer de receber tanta paixão? Devia morrer virgem e só - disse radiante que arrumara um disco novo, portanto queria que quem lhe privava de executar seu destino e o dela de forma magistral o ouvisse. Saulo olhava os quatro por cima, a sala fora conquistada, porém ele estava preso, suando lá embaixo. Ele trocou olhares com a menina nova, com ele olhando, e mais nada.

Quando ela partiu e Bianca, descartável, foi buscar o disco por toda eternidade, Roberto disse que queria demais aquela garota e se questionava se era amor. Seu grande parceiro poderia esclarecer o amontoado de emoções que ela o forçava a criar e gozar ao extremo.

- Eu não quero, não vou falar de amor. Palavra vaga, ou chamo de substantivo vago se queremos estar de acordo com a gramática? Nós dois não queremos exatidão herdada e modificada tantas vezes... valores culturais e desgraças introduzidas há quinhentos anos fazem diferença?

- Você não gostou dela...

- Dizer que é amor expressaria a metade do que você sente por ela? Nações foram destruídas por amor e quem morreu é importante pra você?

- Esqueça! Não se mate em mim, você está me confundindo.

- Nós teríamos que dizer primeiro que você a entende e que ela é necessária para que você perceba o que é belo no simples e diferencie o que presta.

- Exatamente. Penso bastante nela. Nossos sonhos felizes não serão falsos! Eu sei... ela me invade, acho que enxerga meus desejos e se retrai; eu adoro isso.

- Nem eu sei se amor envolve essas coisas. Isso não é figurado... E seu peito arquejante batendo agora não é hipotético, é?

- Ainda bem que você mudou de idéia.

- É, busque o que nenhuma garota rejeitável te ensinou.

- E o que só uma garota rejeitável pode me ensinar.

- Não diria isso.

- O que você diria?

- Só algumas frases feitas a mais, frases tão “batidas”.

É mostrado à maioria ainda na infância pela perversão que tudo treme e que se sua frio nessas horas, nada funciona e pular o que foi decorado por cima do nervosismo só dá certo quando mentimos. Uma alma aberta e outra aparentemente fechada para o que é maior. Assim, um beijo foi dado no rosto do amigo nesse dia estável. Retribuição teve e foi negada até hoje.

- Estou muito bem, cara. Minha vida vai mudar.

- Legal ouvir isso.

- Se fôssemos cunhados, já imaginou? Sairíamos juntos, os quatro fortes. Bianca te ama. E você tem que conhecer a Ângela melhor, ouviu? Por mim.

- Sim, falo com ela. Mas a sua irmã, quem ela não ama? Isso me dá raiva, ela não precisava ser assim, pra menina tudo é mais fácil.

- Acha mesmo? Tem as cólicas, as dores do parto...

- Ser mulher supera tudo. Nossa, um sinal todo mês de que sou fértil e que vou contribuir um dia com alguma coisa dependendo só da minha vontade, eu queria.

- E a superpopulação mundial? Pensei que temesse.

- E a necessidade de uma certeza? Só temo aqueles que não liberam a comida.

- Pode ter certeza de que seremos sempre amigos.

- Tá bom, será suficiente quando eu estiver com você.

- Como assim?

- Nunca reparou que a gente só vê alegria na luz do sol quando estamos felizes? Pois é, a justiça de alguém.

- Sei... Nós vamos ao cinema.

- Vamos?!

- Ângela e eu.

- Humm, que bom. Espero que se divirta.

- Já estou atrasado, ela só tinha que avisar aos pais e...

- Tudo bem, eu já vou.

Marcaram de se encontrar em breve e saíram, pela mesma porta, ao mesmo tempo. Na dúvida das direções, uma frase tomou a mesma que Roberto e Saulo, consciente do seu papel, cobiava permanente de tristezas nunca sentidas, seguiu outra.

“Eu te amo muito”. Estava feito. Roberto ouviu isso, sem olhar para trás, com uma intuição e premonição variáveis a respeito de tópico inexistente. Com a segurança de que se pode ir

embora, olhando para trás e sendo rebatido por um olhar de espanto cansado, seu plano o havia deixado cansado e o espírito precisa até de cansaço. Para a integridade da mente. Saulo não ficou durante aquele ano. Seu correspondente evaporado, seguindo em frente, passou um carro, uma pedra, motocicleta e nuvem, depois céu, vida toda, “achamentos”, cruzando à frente, ainda o olhar, vinte passos, nenhuma distância. Mais à frente, tudo se aproxima rápido e a grama na qual ele tinha acabado de sentar-se, na qual Roberto ainda pisava e que coçava seu calcanhar, calçado e bem, sapato de couro, masculino, solado viril, tridente, traçado, escondido por pano de calça, jeans creme, sempre claro, prédio alto à frente. “Não me deixe”, “Achará outro facilmente, sem esforço, você sabe, útil fui pouco a mim mesmo, você nem isso”, “Mas te fiz, lembra? As melhores declarações, lembra?” O olhar fura, “Culpa não há, nem minha, sei que existe e está oculto um que retribua”.

Um tucano ou um macaco na floresta não fugiu do cativo. Ele é livre e deveria viver ali.